

As Múltiplas Abordagens para o Estudo da Paisagem

The Multiples Approaches For The Landscape Study

Roberto Verdumⁱ

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, Brasil

Lucimar de Fátima dos Santos Vieiraⁱⁱ

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, Brasil

Maurício Ragagnin Pimentelⁱⁱⁱ

Fundação Universidade Federal do Rio Grande
Santa Vitória do Palmar, Brasil

Resumo: O *Pagus – Laboratório da Paisagem*, do Departamento de Geografia/Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, tem como objetivo desenvolver estudos no âmbito da paisagem em suas diversas perspectivas. As pesquisas de seus integrantes propõem, em sua maioria, métodos e metodologias de leitura da paisagem, discussões de conceitos e intervenções no espaço geográfico. A partir do entrelaçamento de olhares interdisciplinares, principalmente da arquitetura, artes, biologia, educação, geografia, turismo e urbanismo, este artigo busca desenhar uma espécie de mosaico das relações entre as diversas abordagens do conceito *paisagem* dentro do *Pagus*, tanto no que se refere à pesquisa quanto à atuação profissional de seus pesquisadores. Nesse cruzamento, percebe-se que cada investigação busca relacionar a ideia de paisagem concreta e paisagem fenomenológica, ora trazendo a dimensão cultural para uma pesquisa centrada na paisagem material, ora buscando resultados operativos e estratégicos de planejamento territorial em uma pesquisa dedicada às subjetividades da paisagem imaginada, ora projetando ações nos espaços geográficos urbanos e rurais.

Palavras-chave: Paisagem; Laboratório da Paisagem; *Pagus*; Leituras; Métodos; Ações.

Abstract: The *Pagus – Landscape Laboratory*, Department of Geography / Geosciences Institute of the Federal University of Rio Grande do Sul, aims to develop studies within the landscape in its various perspectives. The surveys of its members propose methodolo-

ⁱ Professor do Departamento de Geografia e Programa de Pós-Graduação em Geografia – IGEO/UFRGS. verdum@ufrgs.br.

ⁱⁱ Pós-Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia – IGEO/UFRGS. lucymarvieira@gmail.com.

ⁱⁱⁱ Professor do Instituto de Ciências Humanas e da Informação/FURG; Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia. mauricioragagnin@gmail.com.

gies, discussions of concepts and interventions in geographic space. From the interlacing of interdisciplinary looks, especially the architecture, arts, biology, education, geography, tourism and urban development, this article seeks to show the mosaic of relations between different landscape concept approaches within the *Pagus*, both in terms of research and the professional performance of its researchers. Each research seeks to relate the idea of concrete and phenomenological landscape, sometimes bringing a cultural dimension to a survey focused on landscape in material terms, now seeking operational and strategic results of territorial planning in a research devoted to subjunctives of imagined landscape, now projecting actions in urban and rural geographic areas.

Keywords: Landscape; Landscape Laboratory; *Pagus*; Readings; Methods; Actions.

Introdução

O *Pagus*¹ – *Laboratório da Paisagem*, do Departamento de Geografia/Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, nasceu com o objetivo de desenvolver estudos nas diversas perspectivas que a *paisagem* proporciona para a construção de leituras, conceitos, metodologias de análise e intervenções no espaço geográfico.

Com o objetivo principal de gerar estudos e trabalhos técnicos que busquem conceber a paisagem numa perspectiva de entrelaçamento de olhares interdisciplinares, o grupo é constituído por profissionais das áreas da arquitetura, artes, biologia, educação, geografia, turismo e urbanismo. Deste modo, este artigo se apresenta como um mosaico das diversas abordagens de *paisagem* dentro do *Pagus*, tanto no que se refere à pesquisa quanto à atuação profissional de seus integrantes, dentro dos estudos de percepção, planejamento e gestão, avaliação de impactos, projetos de intervenção, sensibilização paisagística, entre outros.

A perspectiva do *Pagus* é a do entendimento da paisagem como um sistema aberto, como um conceito complexo ao qual estão relacionados aspectos do meio, econômicos e culturais em constante interação e transformação. Essa pluralidade de conceitos é sistematizada na primeira parte do artigo. Em seguida partimos para a apresentação de algumas pesquisas desenvolvidas no âmbito do laboratório, trazendo autores de referência, propondo alguns questionamentos e ações.

Pagus e a Dupla Perspectiva da Paisagem

Os pesquisadores do *Pagus* têm desenvolvido suas investigações levando em consideração duas perspectivas da paisagem: a paisagem enquanto algo **concreto** e a paisagem enquanto um **fenômeno**, refletido em representações sociais. Raras são as pesquisas que optam por apenas um desses entendimentos, por isso não os separamos com intuito classificatório, mas sim com o objetivo de abrir os conceitos para melhor compreendê-los.

A **paisagem concreta** é entendida como o resultado das marcas que a(s) sociedade(s) humana(s) imprime na superfície terrestre ao longo do tempo. Essas marcas se traduzem em formas, linhas, cores e texturas, condicionadas por fatores geológicos, geomorfológi-

cos, ecológicos e climáticos em constante transformação por dinâmicas físicas, sociais, econômicas e culturais.

Essa abordagem destaca duas importantes variáveis que influenciam na constituição da paisagem: o tempo e a materialidade. As formas, funções e estruturas da paisagem são constantemente modificadas. Ao estudá-la num determinado momento, consideramos a paisagem como a expressão das heranças da ação dos seres humanos sobre a natureza, até aquele período, uma sucessão de relações, um resultado histórico acumulado, mas levando em consideração sua dinâmica constante e suas infinitas possibilidades de transformação.

A materialidade da paisagem aparece nos embasamentos das pesquisas do *Pagus*, nas ideias de paisagem enquanto adição, resultado, síntese, totalidade, composição e acumulação. Essa perspectiva é importante para a compreensão e a localização dos diferentes elementos do meio que compõem a paisagem, tais como: vegetação, fauna, solos, relevo e litologia, assim como a ocupação e o uso da terra, nas suas inter-relações. O entendimento de que a paisagem possui limites definidos, ou que é composta por unidades identificáveis, é um caminho metodológico admissível, dada a grandeza do conceito de paisagem, a complexa tarefa de lê-la, e a necessidade de torná-la operativa em estratégias de diagnóstico, planejamento e gestão do território.

A segunda abordagem de nossos estudos considera a **paisagem enquanto fenômeno**. Cada pessoa, de acordo com a sua trajetória, consciência e experiência, vê as paisagens de forma diferente e única, sendo que nela se insere de determinada forma. Cada um constrói seus conceitos que vão refletir em suas ações e seus olhares. Por sua vez, esses olhares e ações são concebidos a partir de uma matriz cultural que é do coletivo de uma determinada sociedade humana. O aspecto fenomenológico da paisagem reside, então, nos diferentes – e infinitos – modos do sujeito olhar, interpretar e transformar o espaço geográfico. Dito de outra forma se compreende que essa leitura da paisagem é uma construção contínua social e ao mesmo tempo particular, onde se sobrepõem a identidade, os conhecimentos, a memória e os sentimentos de cada pessoa, associados ao processo cultural que remete à organização coletiva em que estamos inseridos, com toda sua carga simbólica.

A abordagem fenomenológica significa constantes desafios para os estudos da paisagem: compreendê-la enquanto imaginação e enquanto representação social. Enquanto imaginação, a paisagem se constrói visualmente, mas não necessariamente se atende a um processo ótico. A transformação da paisagem em imagem se dá em processos de representação social, que podem ser expressos em narrativas, na literatura, na música, na fotografia, na pintura, no cinema e em tantas outras formas. As ações de perceber e representar a paisagem passam por valores estéticos, plásticos e emocionais em relação ao meio. E interpretar essas imagens e representações pressupõe a compreensão de uma determinada matriz cultural.

A abordagem fenomenológica, também, está intrinsecamente relacionada com o conceito de tempo, de modo que não há nada fixo, estático ou imutável. O caráter dinâmico e mutante da paisagem em relação à imprevisibilidade da própria natureza, e principalmente das concepções de uma sociedade, a caracterizam como um meio vo-

látil, difícil de manipular e em constante transformação. A partir desta noção de tempo condensado chegamos novamente ao tema da memória.

A memória é um dos agentes que determina a crescente complexidade da paisagem, uma vez que se acumula em estratos ao longo do tempo. Nas pedras, nas dobras e no simples caminhar do viajante se depositam uma infinidade de histórias, que por um lado compõe a paisagem tal como se apresenta fisicamente, e por outro, geram uma diversidade causada por esta multiplicidade de leituras. Esta superposição ocorre em diferentes medidas, e pode crescer em lugares onde a paisagem se construa a partir de dicotomias ou dualidades, tais como: o urbano-rural, o passado-presente, a natureza-sociedade, o individual-coletivo, o teórico-prático, o subjetivo-objetivo.

Importante salientar que as pesquisas que adotam a abordagem fenomenológica iluminam o constante movimento de uma sociedade moldar a paisagem, ao mesmo tempo em que é moldada por ela. É na relação complexa retroalimentar de modificação do objeto pelo sujeito e do objeto modificando o sujeito, que a paisagem como um todo, nos é dada a conhecer.

Apresentadas as duas abordagens, arriscamo-nos a constatar que a distância e a separação entre o entendimento da paisagem enquanto matéria e enquanto fenômeno já não encontra espaço na atualidade, por ser justamente na relação entre a forma e seu valor imaterial que reside o avanço desta aproximação conceitual.

O *Pagus*, por ser constituído por pesquisadores de formações em campos de conhecimento que valorizam igualmente a forma e o conteúdo, tende a trabalhar com métodos que cruzam ambas as abordagens, o que potencializa a perspectiva pragmática (ação), conforme será apresentada no item a seguir – Figura 1.

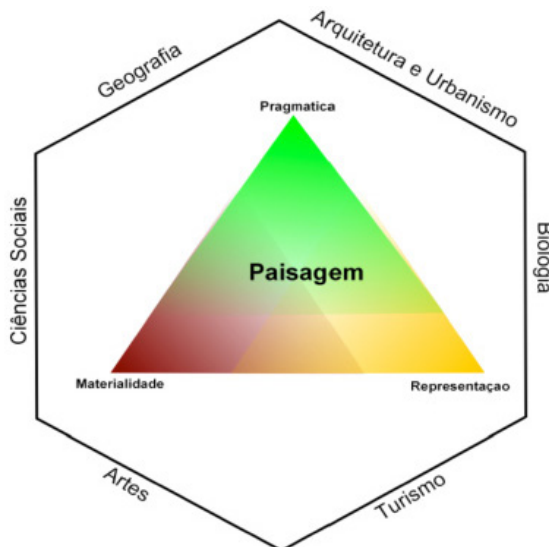


Figura 1 – O *Pagus* e os campos de conhecimento que valorizam os métodos da paisagem, enquanto materialidade e fenômeno, o que potencializa suas ações pragmáticas. Fonte: Pimentel, 2016.

O Mosaico Interdisciplinar na Aplicação das Metodologias de Pesquisa em Paisagem do *Pagus*

Selecionamos algumas pesquisas desenvolvidas ou em desenvolvimento no âmbito do *Pagus* (dissertações, teses e trabalhos técnicos) para colocar em pauta possíveis metodologias de análise e discussão de paisagem. É importante destacar este trabalho como passos de maturação do *Pagus* em identificar as sobreposições, conexões e tensões entre as metodologias utilizadas nas investigações, a fim de aproximar-se deste mosaico de relações intencionado pelo grupo de pesquisa.

Nas pesquisas para elaborar os trabalhos técnicos sobre os *Diagnósticos Socioeconômicos e Ambientais e Planos de Manejo em Unidades de Conservação no Estado do Rio Grande do Sul*, (VERDUM et al., 2012), a partir de uma solicitação de “caracterização da paisagem”, são utilizados os critérios de forma, função, estrutura e dinâmica, como também, um conjunto de técnicas e bases de informações, como os estudos realizados sobre determinados elementos que caracterizam as paisagens (vegetação, solos, litologia e ocupação/uso da terra), os produtos do sensoriamento remoto, as observações e os registros de campo; assim como questionários aplicados à população situada na área de estudo. Nestes estudos adotamos a sistemática de definição de Unidades de Paisagem (UPs) a partir de dois níveis hierárquicos: o *primeiro nível hierárquico* leva em consideração as características que são atribuídas às UPs como de interesse para a sua conservação, sendo que essas são apresentadas, essencialmente, em função dos fatores do meio (geológicos, geomorfológicos, hidrológicos, pedológicos e cobertura vegetal); o *segundo nível hierárquico* de diferenciação das UPs leva em consideração as diferentes estruturas e funções que caracterizam as intervenções e transformações na paisagem produzidas socialmente (sistemas de produção agrícola nos espaços rurais).

Na pesquisa intitulada: *Estudo da Paisagem: Implantação de Aeroogeradores em Tapes/RS* analisamos a transformação da paisagem por meio de empreendimentos eólicos, pois estes são um fenômeno relativamente novo no Rio Grande do Sul e no Brasil. Contudo, a matriz energética brasileira está em expansão, principalmente a geração eólica. Embora esse tipo de energia seja considerado de baixo impacto ambiental, constata-se que cresce a preocupação de alguns segmentos da sociedade em relação aos impactos que podem ocorrer ao meio ambiente. Entre eles está a intrusão visual decorrida da inserção dos aeroogeradores, ou o impacto sobre a paisagem. O objetivo da pesquisa é mostrar o levantamento sobre a percepção da paisagem em relação à possibilidade da implantação de empreendimentos de energia eólica no município de Tapes/RS. Na tentativa de contemplar o objetivo proposto, no estudo utiliza-se a categoria de análise da paisagem por meio do método da percepção, considerando, principalmente, a perspectiva de Berque (1998) da paisagem marca (expressão de uma civilização) e paisagem matriz (através dos mecanismos de percepção, concepção e de ação). Em busca dos aspectos objetivos e subjetivos que norteiam a opinião da população perante um empreendimento hipotético, observa-se que há uma série de elementos envolvidos nesse processo que ultrapassa a simples aceitação do empreendimento. Os resultados refletem o grande apelo econômico que os aeroogeradores representam para a popula-

ção local (BIER, 2013). A partir disso, com a intenção de compararmos os resultados de pesquisas à época da inauguração dos parques há mais de 10 anos no município de Osório/RS, com os novos dados coletados, por meio de pesquisa social (FLICK, 2013), agrega-se outros autores à essa linha de pesquisa em andamento, como Dardel (2011) e Tuan (2012), que através dos conceitos de geograficidade e topofilia, respectivamente, tratam das relações afetivas dos seres humanos com o lugar. Acrescenta-se a estratégia de levantamento em diferentes mídias sobre a paisagem neste município com os aerogeradores, a fim de investigar a influência do discurso dos meios de comunicação nas falas locais, tendo como parâmetro Bachelard (1996) e Bourdieu (2007) no sentido da diferenciação entre o saber científico do senso comum. Igualmente, contextualizamos as lógicas territoriais de implantação desse complexo eólico, assim como a interface paisagem – processo de produção mental – e território – produto do processo de produção em escala 1/1 (RAFFESTIN, 2010) enquanto fatores incidentes na percepção desse estudo de caso (BIER, 2013).

Na pesquisa sobre a *Valoração da Beleza Cênica da Paisagem do Bioma Pampa do Rio Grande do Sul: Proposição Conceitual e Metodológica* analisamos os significados e a importância da beleza cênica, identificamos e analisamos os critérios da qualidade cênica das paisagens, investigamos a origem da proteção das paisagens nas legislações nacional e internacionais e construímos um instrumento metodológico, além de um mapa para identificar as belezas cênicas do bioma Pampa, no estado do Rio Grande do Sul (Brasil). Sobre os significados da beleza cênica fez-se uma reflexão do significado de belo, de sublime e de pitoresco até a formação da disciplina da estética, a partir das teorias do pensamento filosófico ocidental. Baseou-se nos filósofos e teólogos Platão, Aristóteles, Portino, Santo Agostinho, São Tomás de Aquino, John Locke, David Hume, Alexander Baumgarten, Uvedale Price, William Gilpin, Richard Knight, Edmund Burke, Immanuel Kant, Georg Hegel e Edgar Kirchof. Na construção do referencial teórico para a estética da paisagem foi elaborada com base em autores que possuem um entendimento estético e científico da estética da paisagem, quanto da estética da natureza, tais como Georg Simmel, Joachim Ritter, José María Sánchez de Muniaín, Ronald Hepburn, Rosário Assunto, Nicolas Grimaldi, Alain Roger, Augustin Berque, Eugênio Turri, Allen Carlson, Yuriko Saito, Malcom Budd, Arnold Berleant, Martin Sell, Paolo D'Angelo, Luisa Bonasio e Gonçalo Ribeiro Telles. Seguindo, explanou-se por que, quando e como as paisagens começaram a despertar na sociedade a necessidade de proteção, principalmente das belezas cênicas. Elucidou-se a proteção dos patrimônios histórico e natural, quais foram os primórdios da constituição das áreas protegidas e sua internacionalização, da proteção da beleza artística e da beleza cênica da paisagem, como ocorreu o reconhecimento histórico da paisagem brasileira e quais são os sinônimos de beleza cênica e paisagem na legislação. A qualidade cênica da paisagem foi elaborada a partir da identificação das metodologias que existem para identificar as belezas cênicas das paisagens e quais são os critérios, os elementos básicos e quais são os fatores que alteram a percepção da paisagem, principalmente de Pierre Donadieu, Michel Perigord, Maria del M. B. Escribano et al. e Andres Muñoz-Pedrerros. A partir do levantamento bibliográfico para a fundamentação teórica, realizou-se a elaboração do instrumento de pesquisa com o intuito de identificar os critérios da definição das belezas cênicas das paisagens do bioma Pampa

do estado do Rio Grande do Sul, para ser aplicado aos entrevistados. Constitui-se uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, com orientação analítico-descritiva e perceptiva, realizada mediante entrevistas semiestruturadas. Os resultados evidenciam que a qualidade cênica da paisagem pode ser analisada tanto de maneira objetiva quanto subjetiva. Foram identificadas cerca de 200 paisagens portadoras de beleza cênica e, portanto, se faz necessário a sua proteção pela sua estética e pelo seu significado ecológico, contribuindo assim para o patrimônio natural e cultural do Estado e o bem-estar social (VIEIRA, 2014).

Na pesquisa intitulada *Percepção Sobre a Água na Paisagem Urbana: Bacia Hidrográfica da Barragem Mãe D'água – Região Metropolitana de Porto Alegre no Estado do Rio Grande do Sul*, o principal objetivo é saber qual a percepção que os moradores, trabalhadores locais, usuários e gestores públicos têm da água inserida na paisagem em uma bacia hidrográfica urbana (COSTA, 2002). A área de estudo é a bacia de captação da Barragem Mãe d'Água, localizada na Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA), na divisa dos municípios de Porto Alegre e Viamão, no estado do Rio Grande do Sul. O estudo, também, tenta determinar se essas pessoas, através de sua percepção, têm consciência de que a água que chega às torneiras de suas casas, que é utilizada para seus diversos usos, deriva daquelas águas que passam pelos cursos d'água onde moram. Para atingir esse objetivo, partimos da hipótese de que o grau de percepção da população relacionado às questões ambientais, a paisagem e a água inserida na paisagem, o ciclo hidrológico, são influenciadas pela cultura (CORRÊA e ROSENDHAL, 1995), pelas condições socioeconômicas e pelo grau de instrução destas pessoas. A pesquisa baseia-se em dados do Índice de Qualidade das Águas (IQA) obtidos em três épocas distintas (1990/91, 2002 e 2007), onde foram feitas coletas para a determinação da qualidade de água em três pontos dessa bacia hidrográfica (TUTTI, 1995). Para o entendimento e a determinação do grau da percepção da paisagem urbana e, principalmente, da água na paisagem pelas pessoas que vivem nesta bacia hidrográfica, é aplicado um questionário elaborado a partir de entrevistas semiestruturadas (MINAYO, 2004). Os resultados estão espacializados em mapas temáticos, onde são incluídas as paisagens preferidas e aquelas que desagradam (Berque, 1998). Também são propostas intervenções, a partir da percepção dos entrevistados, que tenham o objetivo de qualificar o espaço urbano e a paisagem, principalmente aquelas em que a água está presente (RANGEL, 2008).

A pesquisa intitulada *Revelação da Paisagem Através da Fotografia: Construção e Aplicação de um Método: Porto Alegre vista do Guaíba* surge do anseio de compreender o fenômeno urbano na contemporaneidade, a partir de um prisma voltado para as dimensões culturais e simbólicas. Buscando lançar um olhar que atravesse e alcance as variadas construções e manifestações da cultura e do cotidiano, ao pensar que múltiplas camadas espaço-temporais se superpõem na paisagem, nas quais estão acomodadas de forma híbrida as diversas expressões relativas à interação sociedade-natureza, acredita-se ser possível perseguir os rastros que conduzirão ao entendimento da cidade como fenômeno em constante transformação. Para acessar os vestígios do passado e realizar um percurso no tempo, adotamos a imagem fotográfica como fonte para a investigação. Nesse encontro da paisagem e da fotografia, enquanto fenômenos visíveis, sob a inspi-

ração e referência filosófica o princípio da montagem de Walter Benjamin articulado aos fundamentos de conceituação e interpretação da paisagem trabalhados, principalmente, no campo da Geografia e da História em suas abordagens culturais, estabelecendo-se, assim, um diálogo com autores como Georg Simmel, Augustin Berque, Denis Cosgrove, Paul Claval, Michael Jakob, Alain Corbain, David Lowenthal, Paul Ricouer, Gaston Bachelard, entre outros. Como estudo de caso, utilizam-se fotografias de Porto Alegre vista do Guaíba em diferentes períodos, considerados emblemáticos em relação às transformações urbanas. Ao acessar as fotografias enquanto vestígios deixados como uma experiência sensível do mundo, a paisagem se revela, permitindo a apreensão de seus significados. Como estudo de caso, utilizamos as fotografias de Porto Alegre vista do Guaíba, em diferentes períodos, considerados emblemáticos em relação às transformações urbanas. Ao acessar as fotografias enquanto vestígios deixados como uma experiência sensível do mundo, a paisagem se revela, permitindo a apreensão de seus significados (COELHO, 2011).

A pesquisa intitulada *Evocar a Paisagem, Traduzir a Narrativa: Analogias entre Sistemas de Significação*, considera a inter-relação entre sujeito e território em um processo de percepção/representação, no qual se interseccionam esfera física, concreta e visual de um território com as memórias e referenciais culturais individuais e coletivas, situando-se dentro de uma abordagem fenomenológica. A inquietação científica parte do campo do urbanismo, no que se refere à utilização do conceito de paisagem na interpretação, ordenamento, planificação e gestão urbana e territorial. Entretanto, a fim de produzir uma interpretação da paisagem que se aproxime da percepção dos sujeitos, se investiga o campo filosófico, linguístico e literário do conceito de narrativa. A narrativa é um sistema aberto à memória coletiva, que se materializa na paisagem a través do tempo, toda vez que um grupo determinado inscreve cotidianamente suas trajetórias sobre um suporte físico e material, deixando suas marcas e contribuindo para a manutenção das relações identitárias com o lugar. A lógica com a qual se comporta a paisagem, como nasce e como evolui, está relacionada à estas narrativas porque para existir necessita estes olhares e interpretações dos indivíduos que interagem com o território. Neste sentido a pesquisa se desenvolve a través da analogia entre os conceitos de paisagem e narrativa, já que ambos estão apoiados sobre a experiência vivida e podem ser considerados como sistemas culturais de significação. A semântica dos discursos sobre a paisagem pode aportar aspectos operativos para a leitura e interpretação das paisagens contemporâneas, finalmente contribuindo com a inserção da população no processo de planificação e cidades e territórios. Alguns autores têm sido fundamentais para a construção desta abordagem fenomenológica da paisagem envolvendo a narrativa: Berque, Raffestin, Turri, Potteiger, Purinton, Ricoeur, Barthes, Bajtín, Benjamin, Halbwachs, Kundera, entre outros. A metodologia de pesquisa busca interpretar as narrativas de paisagens em processo de transformação, acolhendo a diversidade presente nos territórios de intersecção urbano-rural, decodificando os elementos e processos-chave que condicionam e ativam o projeto de cidade e território. Neste sentido são realizadas duas experiências metodológicas, utilizando-se um “percurso” que atravessa uma sequência de lugares diferentes entre si em termos sociais, culturais, urbanos e muitas vezes econômicos, compondo uma paisagem de diferentes territorialidades. A

primeira experiência se desenvolve em território catalão, através do percurso da antiga linha férrea da região que atravessa a interface entre a zona urbana e rural da cidade de Olot, capital da zona vulcânica de maior expoente da península ibérica. Nesta ocasião, utilizamos o discurso literário local sobre a paisagem, como modo de nos aproximarmos dessas peculiaridades do fenômeno neste território ao longo do tempo. A segunda experiência é realizada em território brasileiro, na cidade de Paraty, Rio de Janeiro. Neste caso o percurso de um dos rios mais importantes do município, o Perequê-Açú, é utilizado por ilustrar as tensões territoriais que compõe uma paisagem protegida pelos seus valores históricos, culturais e ambientais. Aqui, a principal ferramenta metodológica são os discursos orais de alguns personagens locais sobre a paisagem, nos quais é possível identificar uma complexa rede de subjetividades em relação a este “rio” de histórias que compõe o imaginário da cidade, um eixo que condiciona e ao mesmo tempo cria vida neste território em crescente transformação (CARON, 2016).

Na pesquisa intitulada *Dinâmica Espacial entre Paisagem Rural e Urbana no Entorno da Rodovia do Parque – RMPA/Canoas-RS*, buscamos apontar os diferentes aspectos possíveis da dinâmica espacial que se estabelece na paisagem entre o rural e o urbano, em regiões metropolitanas, identificando os elementos geográficos que tencionam as interfaces urbano-rural (SOUZA, 2013). O trabalho tem como objeto de estudo a BR-448 (Rodovia do Parque), que faz a ligação entre as cidades de Sapucaia do Sul e Porto Alegre, cortando os municípios de Canoas e Esteio. Com uma extensão de 28,88 km, a rodovia, que está associada à ampliação da infraestrutura viária da RMPA (Região Metropolitana de Porto Alegre), foi inaugurada em dezembro de 2013, tendo como objetivo desafogar o tráfego da BR 116. O plano de mobilidade estimula a expansão das áreas urbanas geradas pela facilidade de deslocamento em espaços rurais (MONTE-MÓR, 2011). Temos como objetivo observar e analisar como se processam as dinâmicas entre rural e urbano na transformação da paisagem da Rodovia do Parque, configurada como mosaico, colagem e recorte, considerando a paisagem como tecido ou pele em transformação contínua dentro do tempo e das dinâmicas socioculturais em atuação com o espaço geográfico, considerando as relações possíveis desde a concepção teórica, passando pelo indivíduo até o grupo social na relação, compreensão e inserção na paisagem. Os diferentes aspectos que envolvem a relação entre rural e urbano e sua complexidade ganham uma perspectiva escalar específica quando analisados pela leitura da paisagem. O método de leitura da paisagem é o da paisagem perceptiva, que está associada aos esquemas simbólicos, da imaginação e da abstração relacionados aos aspectos topofílicos da paisagem (TUAN, 1980). O trabalho de campo com as entrevistas e os registros descritivos, gráficos e fotográficos, associados à análise cartográfica, são comparados à documentação administrativa (Plano Diretor de Canoas), informação jornalística e bibliográfica sobre a área estudada. Após o levantamento e a análise dos dados será feito o diagnóstico, em que serão determinados os principais pontos de tensão entre paisagem urbana e rural, suas possíveis implicações, aspectos morfológicos e as tipologias das diferentes UP's, considerando as dinâmicas estabelecidas após a implantação da Rodovia do Parque, como elemento de tensão entre campo e cidade (LINCK, 2016).

Na pesquisa sobre *A Paisagem em Circulação: o Imaginário e o Patrimônio Paisagístico de São Francisco do Sul em Cartões-postais (1900 – 1930)* tratamos duas temáticas

principais: a paisagem e o imaginário. Esta investigação buscou identificar valores patrimoniais na paisagem, reconhecendo-a como um bem cultural – que envolve os conceitos de patrimônio material, imaterial e natural – e buscou os traços e registros do passado que identificassem as atribuições de valor à paisagem da cidade de São Francisco do Sul, no estado de Santa Catarina, do início do século XX, bem como seus elementos mais representativos, suas identidades e seus lugares de memória. O estudo deu-se a partir da análise da representação da paisagem de São Francisco do Sul em cartões-postais produzidos e circulados no período de 1900-1930, entendendo o estudo das representações como um meio de aproximação à paisagem (ROGER, 1997) e ao imaginário da época (PESAVENTO, 2002). Adotamos uma visão integradora da paisagem, considerando tanto suas características subjetivas/simbólicas como suas características objetivas/morfológicas. Sendo assim, montamos uma grade interpretativa que possibilitou a análise de descritores icônicos, baseados principalmente nos critérios de análise de paisagem de Martínez de Pisón (2006), e descritores sociais e de circulação. A interpretação dos dados revelou que a paisagem estudada é possuidora de valores patrimoniais que foram entendidos como valores estéticos, valores naturais e ecológicos, valores produtivos, valores de uso social, e valores simbólicos e identitários (MARTINS, 2008).

Na pesquisa intitulada: *Por uma Geografia da Música: o Espaço Geográfico da Música Popular Platina*, consideramos a fronteira e sua paisagem como um mote para a criação. A pesquisa abarcou um estudo de representações sociais de um grupo de compositores do espaço platino, seus discursos em shows, entrevistas e no texto das canções. O espaço platino é tido como um espaço sul-americano situado na confluência de três países: Argentina, Brasil e Uruguai. Desenvolvendo uma aplicação e adaptação da etnografia multilocalizada de Marcus (1995), realizou-se trabalhos de campo em cidades como Buenos Aires, Porto Alegre, Montevideú, Pelotas, entre outras, buscando compreender as paisagens representadas nas canções e nas falas dos artistas (PANITZ, 2010, 2013). Com isso, pode-se chegar em dois eixos básicos de interpretação. Inicialmente os elementos da paisagem (a topografia, o clima, a vegetação, os rios, as toponímias, os tipos culturais) são evocados para construir uma identidade de base geográfica para a música – a isso chamamos de representações *geografizantes*. Logo após, percebe-se a elaboração dessas representações encadeadas com outras, de cunho *territorializante*. Nestas, os artistas não só evocam a paisagem como afirmam um território no qual possa circular sua música – um território transfronteiriço, possibilitado pelo jogo de semelhanças e diferenças contidas na construção das identidades territoriais do sul do Brasil, do Uruguai e da Argentina, originadas pela cultura do gaúcho/*gaucho* desenvolvida a partir do século XVII na região pampiana. Advogando para si uma paisagem e seu respectivo território, os artistas desenvolvem uma música popular ligada à música *pop* global, porém repleta de representações sobre a geografia do espaço platino e de nuances estético-musicais originadas no cancionário platino (a milonga, o tango, o chamamé, a chimarrita, entre outros). A paisagem pampiana, portanto, torna-se contemporânea, afirmativa em seu valor estético e artístico, ponto de partida para uma elaboração cultural que integra distintos países que, nas disputas historiográficas que delimitaram seus contornos identitários e geográficos ao final do século XIX, excluiu a diversidade das fronteiras. Por certo, estamos atentos aqui ao imenso valor dos produtos culturais – a música, a literatura, o cinema, a

fotografia – para o estudo das paisagens (PANITZ, 2012), como bem defendem geógrafos como Berque (1998) e Cosgrove (1998).

Na pesquisa intitulada *A Imagem da Paisagem: a Territorialização Platina no Cinema*, partimos da ideia de paisagem enquanto imagem de um território e buscamos entender que paisagem do sul da América do Sul é configurada através de imagens de produções cinematográficas argentinas, brasileiras e uruguaias. Entendemos que a paisagem é uma construção social formada a partir de vivências diretas, dos cinco sentidos em contato com determinado espaço geográfico, mas que também pode ser construída através da experiência indireta, por meio do contato do indivíduo com essa paisagem através de diferentes meios, seja a literatura, a música, a fotografia, a pintura ou o cinema (BESSE, 2006; COSGROVE, 1989; RAFFESTIN, 2005). Sendo assim, entendemos a paisagem não como matéria, mas sim como uma imagem dessa matéria, seja no plano artístico ou no científico. Compreendendo que a paisagem encontra sua afirmação como imagem, investigamos a constituição da paisagem através da análise do discurso da imagem, mais especificamente, no caso desta pesquisa, através do discurso audiovisual. Para a seleção dos filmes analisados, são seguidos alguns critérios, como o reconhecimento da obra em instâncias culturais e/ou econômicas (BOURDIEU, 1996), e o uso da paisagem no filme para além de mero cenário (LEFEBVRE, 2006). Após a seleção, segundo Martínez de Pisón, (2006) é feita uma análise das paisagens de cada obra, dentro das categorias propostas: estrutura, forma, função/relação externa, elementos, evolução/dinâmica, unidades e conteúdo (MARTINS, 2014).

Na pesquisa intitulada *Lugar do Turista na Leitura da Paisagem Geográfica e sua Relação com o Ensino da Geografia* residui na investigação das relações entre o ensino de geografia e o turismo, com o foco da pesquisa direcionado para os conceitos geográficos e as representações sociais contidas na leitura da paisagem e na construção do lugar. A reflexão teórica foi sustentada pelos conceitos da geografia cultural, do saber-fazer do turismo, do ensino de geografia, da teoria das representações sociais, da paisagem e de lugar. O enfoque da paisagem tem como principais guias os conceitos de Augustin Berque (1998), J. M. Besse (2006), Antonio C. Castrogiovanni (2004), Denis Cosgrove (1998), Ulpiano T. B. de Meneses (2002) e Roberto Verдум (2012). Com o método do paradigma da complexidade, pesquisamos as dinâmicas do espaço estudado, ambientado no município litorâneo de Garopaba, estado de Santa Catarina. A metodologia utilizada foi composta de pesquisa qualitativa, na qual trabalha-se, sobretudo, a partir de narrativas das entrevistas episódicas que revelam as leituras da paisagem pelos sujeitos entrevistados e as possibilidades para os sujeitos se *lugarizarem*. A noção de construção do lugar é tecida à paisagem, com base em que podemos ler e compreender os processos da paisagem, podemos tecer laços com o lugar, e se nos *“lugarizamos”* passamos a cuidar do ambiente. A importância do ensino de Geografia proporciona a contestação no sentido de uma transgressão das formas já agendadas, possibilitando lermos o mundo com reflexão, criatividade e autonomia, fomentando a (auto) descoberta, as compreensões mútuas e a valorização das identidades que se encontram no turismo. Em trilhas turísticas interpretativas o trabalho se dá em sentido inverso, partimos do que nosso olhar descobre no ambiente, para levarmos aos visitantes, com recursos didáticos que visam aproximar as pessoas do ambiente, buscando

que as nossas relações sejam repensadas e mais integradas ao desenvolvimento pleno da vida (DA SOOLER, 2012).

A pesquisa intitulada *Cataratas do Iguaçu: Experiências e Registros de uma Paisagem Turística* possui como pontos de partilha o Paradigma da Complexidade e a Geografia Cultural. Com o objetivo de analisar os significados que os sujeitos atribuem à experiência geográfica das Cataratas do Iguaçu (Brasil/Argentina) desde sua intencionalidade turística, recorreu-se aos princípios da Complexidade de Morin (2003a, 2003b, 2008a, 2008b): dialógica, recursividade e hologramática. Os procedimentos investigativos basearam-se no instrumental da pesquisa qualitativa e a revisão bibliográfica nas categorias: Espaço Geográfico, Turismo, Paisagem e Geograficidade. Para a categoria de paisagem utilizamos Berque (1995, 1998), Besse (2006) e Meneses (2002). Há o predomínio de narrativas visuais, em especial a fotografia. Os espaços visitados são um palco, onde se desenvolve uma trama ou uma sequência de ações que irá compor a narrativa de viagem. Em um movimento em que, o estar imbricado naquele conjunto, atribui aos próprios sujeitos determinadas significações associadas à paisagem visitada. As representações paisagísticas feitas pelos visitantes permitem prolongar e recordar sua experiência turística, mas também inscrevem significados no espaço visitado e na identidade pessoal do sujeito turista (PIMENTEL, 2010).

Na pesquisa intitulada *Onde o Turismo Encontra as Paisagens de Água: Significados e Práticas na Laguna dos Patos, Rio Grande do Sul, Brasil*, os objetivos desta investigação buscam analisar as relações entre sujeitos, turismo e paisagens de água da laguna dos Patos/RS, através das percepções, sensações e significações elaboradas pelos sujeitos, direta ou indiretamente envolvidos com o turismo, tratando de identificar os valores e representações atribuídos às paisagens de água (MUÑOZ e AZÓCAR, 2014). Com isso, pretendemos compreender a força de atração que a água exerce nos sujeitos, suas preferências e práticas, e suas leituras diante das possibilidades de encontros e/ou conflitos entre o turismo e as paisagens de água. A partir da entrevista episódica (FLICK, 2009) buscamos revelar os componentes de dimensão sensível, afetiva e simbólica da paisagem (BERQUE, 1990), expressos nas narrativas dos diferentes sujeitos investigados, e, com isso, aproximar-se dos sentidos dos encontros contemporâneos entre turismo e águas. Sob o enfoque do Paradigma da Complexidade, buscamos integrar os conhecimentos especialmente da Geografia e do Turismo, refletindo a complexidade das relações dos sujeitos com as paisagens de água, e, também, problematizando o potencial paisagístico e turístico das águas interiores no Rio Grande do Sul (RUDZEWICZ, 2016).

A pesquisa intitulada *As Narrativas das Percepções e Conectividades de Caminhanças nas Paisagens dos Areais Pampeanos: Perspectivas Ambientais para a Geração de Ambiências* se desenvolve nas paisagens pampeanas com areais, sudoeste sul-rio-grandens, onde professores, alunos e pesquisadores são convidados a expressarem e decompor o indivisível caleidoscópio paisagístico (COSGROVE, 1998); olhares, esses, repletos da trajetória de vida, impregnados pelas histórias pessoais, pela cultura estabelecida e perspectivas que o observador-interativo tem do conjunto: observável que observa. Fruto de uma abordagem do pensar complexo (MORIN, 2000), referenciado segundo os princípios dialógico, o recursivo e o hologramático, configura-se a ambiência em campo. Essa última envolve diferentes atores sociais vinculando-os a paisagem dos areais, proporçio-

nando uma leitura transversal dos significados por trás de um manifesto primeiro (REGO, 2000), das representações ambientais da paisagem. O grupo participativo, protagonistas nesse *Tao* (caminho), revelou instantes de “*coinspiração*” (MATURANA, 2001), no sentido de conspiração às ideias estabelecidas e de co-inspiração na criação de novas possibilidades de ação dos cidadãos (REIGOTA, 2002) junto a essas singulares paisagens sulistas (SILVA, 2008).

A pesquisa *Paisagem Cultural: o Patrimônio Cultural Brasileiro sob Novas Perspectivas* visa problematizar o entendimento da paisagem a partir de um viés patrimonial, com a introdução da categoria de Paisagem Cultural na Lista do Patrimônio Mundial da Unesco, em 1992, e no rol de instrumentos de preservação patrimonial no Brasil, com a adoção da Paisagem Cultural Brasileira pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), em 2009. Ao possuir seu cerne conceitual na relação entre seres humanos e meio ambiente, e nas manifestações físicas e simbólicas decorrentes desta relação, a figura da Paisagem Cultural parece questionar as dicotomias correntes entre as interfaces material e imaterial dos bens patrimoniais, bem como a tradicional divisão entre natural e cultural. Neste sentido, busca-se analisar quais os efeitos do processo de patrimonialização de Paisagens Culturais no que se refere à preservação do aspecto formal da paisagem (sua manifestação material), e no que se refere aos usos que dela fazem as populações que a produzem e reproduzem, uma vez que, segundo Meneses (2002), é nos usos que se concentram os significados mais profundos da paisagem. Para tanto, discute-se o surgimento da noção de paisagem na pintura, sua consolidação enquanto conceito científico (principalmente na Geografia), sua presença em cartas e convenções patrimoniais, e a experiência da Unesco e, principalmente do IPHAN, na gestão de Paisagens Culturais Brasileiras. Utiliza-se como metodologia estudo de caso dos núcleos rurais de Testo Alto (em Pomerode) e Rio da Luz (em Jaraguá do Sul), no Estado de Santa Catarina (a única Paisagem Cultural certificada até o momento), e da Foz do Rio São Francisco (COSTA, 2016). Entre os autores que subsidiam a discussão estão: Cauquelin (2007); Cosgrove (1998); Berque (1998); Ribeiro (2007); Poulot (2009); Prats (1998); Chuva (2009); e Fonseca (2009).

Na pesquisa intitulada *Patrimônio e Planejamento: Aproximações a Partir da Paisagem*, busca-se entender como a paisagem participa na criação de identidades. Ela se desenvolve a partir de uma leitura do espaço a partir da paisagem, assumida como conceito que trata de forma indissociável cultura e natureza, e por isso capaz de explorar aspectos não considerados comumente na interpretação, e por consequência, no planejamento do território (MATA OLMO, 2006). A investigação distingue duas perspectivas essenciais de interpretação da paisagem a contar por sua base teórica – a científica e a social – (POMAR, 2010) enfatizando esta última para discutir valores e subsidiar uma aproximação técnica mais ampla (JACKSON, 1970; NOGUÉ, 2007; LUNGIBÜHL, 2008; LUNGIBÜHL, 2009). Com base em investigações anteriores (SCHWERZ, 2009, 2010, 2013), desenvolve-se um estudo de caso que utiliza o município de Agudo (no estado do Rio Grande do Sul) adotando uma abordagem complementar que busca vincular a estrutura reconhecida jurídica e institucionalmente para o tratamento da paisagem com a experiência da população local, integrando as dimensões histórica e estética que conformam tais paisagens. Os questionários e as entrevistas demonstram diferentes olha-

res, usos e valores que contém o território, denunciando aparentes contradições entre patrimônio tradicionalmente reconhecido e a importância que a paisagem assume no contexto local (SCHWERZ, 2012).

Na pesquisa que trata das *Paisagens em Transformação: da Percepção à Técnica. Estudo sobre Avanços de Áreas de Soja nos Municípios de São Francisco de Assis e Manoel Viana/RS*, buscamos como objetivo analisar e discutir sobre as transformações da paisagem dos municípios de São Francisco de Assis e Manoel Viana, no sudoeste do estado do Rio Grande do Sul. A área empírica para a análise foi delimitada através de um polígono localizado na rodovia RSC-377, que conecta os municípios de Manoel Viana e São Francisco de Assis. A rodovia foi selecionada devido a uma notável alteração da paisagem: a crescente presença de lavoura em comparação ao campo destinado à pecuária. Isto revela elementos marcadores da paisagem (BERQUE, 1998) que justificam as transformações no espaço geográfico do Pampa. Nessa perspectiva, adotamos como metodologia a busca de indicadores de percepção da paisagem (BESSE, 2006). A análise parte da percepção dos produtores locais que possuem ação direta na transformação de suas propriedades. Com isso, realizamos o levantamento de elementos que evidenciam as alterações geo-históricas na paisagem e, conseqüentemente, no processo produtivo das propriedades. A investigação segue a partir da leitura da paisagem dos produtores, na busca de dados primários. Para isso, construiu-se um questionário que auxiliasse na definição dos indicadores de percepção da paisagem. A partir dos diálogos e do questionário identificamos as percepções dadas aos elementos que compõem as paisagens de referência dos produtores entrevistados. Neste sentido, a análise da percepção serve para investigar como as suas transformações podem alterar na leitura dos produtores, sobretudo, com relação a sua propriedade e a sua paisagem de referência. Com isso, obtém-se a escala temporal sobre o processo geo-histórico de transformações da paisagem (OKIDO, 2016).

Finalizando, visualizamos prospectivamente que a paisagem, enquanto categoria de análise científica multidisciplinar, tem se mostrado um caminho possível para concatenar diferentes meios e atores do espaço, distinguindo valores econômicos, estéticos, históricos, simbólicos, ambientais, etc., evidenciando com mais clareza os reflexos que estes podem – ou deveriam – ter para o planejamento e a gestão do território.

Conclusão

O uso de paisagem enquanto categoria de análise do espaço pode ser considerado recente, despertando grande interesse a partir do início do século XX, nas discussões de geógrafos alemães e franceses distinguidos como *naturalistas*. Duas abordagens foram recorrentes, uma que prioriza a *morfologia* da paisagem (paisagem concreta), estabelecida no início do século XX, e aquela voltada para a *simbologia* da paisagem (paisagem fenômeno), que começa a ganhar destaque no final dos anos 1960.

Atualmente, a distância existente entre o entendimento da paisagem como estudo material e o entendimento da paisagem como estudo simbólico, não encontra espaço na atual noção de paisagem, por ser justamente na relação entre a forma e seu valor como símbolo que reside o avanço desta aproximação conceitual.

Com algumas dissonâncias típicas de um conceito e de uma categoria de análise, ainda em fase de afirmação, a paisagem acaba por ser adotada em diversos campos do conhecimento, tal qual território: arquitetura, artes, ecologia, economia, história, geografia, planejamento, sociologia, turismo, entre outras.

Ao cruzar as diversas metodologias de pesquisa do *Pagus* percebemos que, de diferentes modos e medidas, cada investigação busca relacionar a ideia de paisagem concreta e paisagem fenomenológica, ora trazendo a dimensão cultural para uma pesquisa centrada na paisagem material, ora buscando resultados operativos e estratégicos de planejamento territorial, em uma pesquisa dedicada às subjetividades da paisagem imaginada.

Fica evidente, a partir da análise das diversas correntes, que as diferentes perspectivas sobre a *paisagem* dependem da posição filosófica adotada pelo pesquisador e o grupo com quem ele dialoga. Ao mesmo tempo, é importante ter em mente que os conceitos e as metodologias, muitas vezes, crescem em complexidade com o passar do tempo, e estão sujeitos à dinâmica que é própria da evolução do pensamento científico e artístico.

Referências Bibliográficas

BACHELARD, G. *A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BARTHES, R. Introducción al análisis estructural del relato. In: NICCOLINI, S. (Comp.) *El análisis estructural*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1977.

BAJTÍN, M. Las formas del tiempo y del cronotopo en la novela. In: *Teoría y estética de la novela*. Madri: Taurus, 1989, p. 237-409.

BENJAMIN, W. O narrador. In: *Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura*. Obras Escolhidas, volume 1. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

BERQUE, A. *Les raison du paysage: de la Chine antique aux environnements de synthèse*. Paris: Házan, 1995.

_____. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998, p. 84-91.

_____. *El pensamiento paisajero*. Madri: Biblioteca Nueva, 2009.

BESSE, J. M. Las cinco puertas del paisaje. Un ensayo de una cartografía de las problemáticas paisajeras contemporáneas. In: MADERUELO, J. (Org.). *Paisaje y pensamiento*. Madri: Abada Editores, 2006.

BERQUE, J. M. *Ver a terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia*. São Paulo: Perspectiva, 2006 (1. ed. em francês 2000).

BIER, L. *Estudo da paisagem: implantação de aerogeradores em Tapes/RS*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013.

BOURDIEU, P. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. São Paulo: Papirus, 1996.

CARON, D. *Interpretación del paisaje a través de la lógica narrativa la Garrotxa como caso de estudio*. Tesina de Master de Investigación em Urbanismo. Departament d'Urbanisme i Ordenació del Territori, Univerisitat Politècnica de Catalunya, 2010.

COELHO, L. C. *Revelando a paisagem através da fotografia: construção e aplicação de um método — Porto Alegre vista do Guaíba*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.

CORRÊA, R. L.; ROSENTHAL, Z. *Espaço e Cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ/Nepec, 1995.

COSGROVE, D.; DANIELS, S. *The iconography of landscape: essays on the symbolic representation, design and use of past environments*. Cambridge: Cambridge USA, 1989.

COSTA, L. C. N. *Turismo e paisagem cultural: para pensar o transfronteiriço*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Turismo, Universidade de Caxias do Sul, 2011.

COSTA, L. M. Rios urbanos e valores ambientais. In: *Projeto do lugar*. Rio de Janeiro: Contra Capa/Proarq, 2002.

DA SOLLER, J. M. *O lugar do turista na leitura da paisagem geográfica e sua relação com o ensino de geografia?* Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012.

DONADIEU, P.; PERIGORD, M. *Clés pour le Paysage*. Paris: Geophrys, 2005. Disponível em: <<http://rge.revues.org/353>>. Acesso em: 1 jun.2016.

ESCRIBANO, M. del M.B.; DE FRUTOS, M; IGLESIAS, E.; MATAIX, C.; TORRECILLA, I. *El Paisaje*. Madri: Ministerio de Obras Públicas y Transportes, Centro de publicaciones, 1991.

HALBWACHS, M. *Los marcos sociales de la memoria*. Barcelona: Anthropos, 2004.

KUNDERA, M. *El arte de la novela*. Barcelona: Tusquets, 2006.

LEFEBVRE, M. *Landscape and film*. Nova York: Routledge, 2006.

LINCK, J. L. *Dinâmica espacial entre paisagem rural e urbana no entorno da Rodovia do Parque — RMPA/Canoas-RS*. Projeto de Qualificação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016.

LUGINBÜHL, Y. Las representaciones sociales del paisaje y sus evoluciones. In: MADRUELO, J. (Dir.). *Paisaje y territorio*. Madri: Abada Editores, 2008.

LUNGIBÜHL, Y. Indicadors socials del paisatge. In: NOGUÉ, J.; PUIGBERT, L.; BRETCHA, G. (Eds.). *Indicadors de paisatge. Reptes i perspectives*. Olot: Observatori del Paisatge de Catalunya, 2009.

MATURANA, H. *A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana*. São Paulo: Palas Athenas, 2001.

MARTÍNEZ DE PISÓN, E. Los componentes geográficos del paisaje. In: MADRUELO, Javier (Org.). *Paisaje y pensamiento*. Madri: Abada Editores, 2006.

MARTINS, M. C. *A imagem da paisagem: a territorialização platina no cinema*. Projeto de Qualificação de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014.

_____. *Paisagem em circulação: o imaginário e o patrimônio paisagístico de São Francisco do Sul em cartões-postais (1900-1930)*. Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.

MARCUS, G. E. *Ethnography in/of the world system: The emergence of multi-sited ethnography*. Annual review of anthropology, 1995.

MENESES, U. A paisagem como fato cultural. In: YÁZIGI, E. (Org.). *Turismo e paisagem*. São Paulo: Contexto, 2002.

MINAYO, M. C. S. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2004.

MONTE-MÓR, R. L. de M. A relação urbano-rural no Brasil contemporâneo. In: RANDOLPH, R.; SOUTHERN, B. (Orgs.). *Expansão metropolitana e transformação das interfaces entre cidade, campo e região na América Latina*. São Paulo: Max Limonad, 2011.

MORIN, E. A noção de sujeito. In: MORIN, E. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003a, p. 117-128.

_____. Da necessidade de um pensamento complexo. In: MENEZES, F.; MACHADO, J. (Orgs.). *Para navegar no século XXI*. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2003b, p. 19-42.

_____. *O método 3: conhecimento do conhecimento*. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2008a.

_____. *Introdução ao pensamento complexo*. 5. ed. Lisboa: Piaget, 2008b.

_____. *A inteligência da complexidade*. São Paulo: Peirópolis, 2000.

MUÑOZ-PEDREROS, A. Avaliação da paisagem: uma ferramenta para a gestão ambiental. *Revista Chilena História Natural*, Santiago, v. 77, n. 1. Março de 2004. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.4067/S0716-078X2004000100011>>. Acesso em: jan. 2014.

NOGUÉ, J. *La construcción social del paisaje*. Madri: Biblioteca Nueva, Colección Paisaje y Teoría, 2007.

OKIDO, R. H. *Paisagens em transformação: da percepção à técnica. Estudo sobre avanços de áreas de soja nos municípios de São Francisco de Assis e Manoel Viana/RS*. Projeto de Qualificação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016.

PANITZ, L. M. *Por uma geografia da música: o espaço geográfico da música popular platina*. Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.

_____. O estudo da paisagem e suas representações a partir de produtos culturais. In: VERDUM, R.; VIEIRA, L. F. S.; PINTO, B. F.; SILVA, L. A. P. (Orgs.). *Paisagem: leituras, significados e transformações*. 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012.

_____. Pratiques musicales, représentations et transterritorialités en réseau entre l'Argentine, le Brésil et l'Uruguay. *Géographie et cultures*, n. 88, p. 149-168, 2013.

PESAVENTO, S. *O imaginário da cidade — visões literárias do urbano: Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

PIMENTEL, M. R. *Cataratas do Iguaçu: experiências e registros de uma paisagem turística*. Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.

PRATS, L. El concepto de patrimonio cultural. *Política y Sociedad*, Madri, n. 27, p. 63-76, 1988. Disponível em: <<http://www.antropologiasocial.org/contenidos/publicaciones/otautores/prats%20el%20concepto%20de%20patrimonio%20cultural.pdf>>. Acesso: 14 set.2014.

POULOT, D. *Uma história do patrimônio no ocidente, séculos XVIII-XXI: do monumento aos valores*. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

POMAR, L. C. Reflexiones sobre la valoración del paisaje. In: MADERUELO, Javier (Org.). *Paisaje y Patrimonio*. Madri: Abada Editores, 2010.

POTTEIGER, M., PURINTON, J. *Landscape narratives. Design practices for telling stories*. Nova York: John Wiley & Sons, Inc., 1998.

RAFFESTIN, C. *Dalla nostalgia del territorio al Desiderio di paesaggio — elementi per una teoria del paesaggio*. Florença: Alinea Editrice, 2005.

RANGEL, M. L. *A percepção sobre a água na paisagem urbana: bacia hidrográfica da barragem Mãe d'água — Região Metropolitana de Porto Alegre/RS*. Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.

REGO, N. (Org.) Geografia e educação: geração de ambiências. In: REGO, N. *Apresentando um pouco do que sejam ambiências e suas relações com a geografia e a educação*. Porto Alegre: Ed. da Universidade UFRGS, 2000.

REIGOTA, M. *Meio ambiente e representação social*. São Paulo: Cortez, 2002.

RICOEUR, P. Arquitectura y narratividad. In: MUNTAÑOLA, J. *Arquitectonics: Arquitectura y hermenéutica*. Barcelona: Edicions UPC, 2003

ROGER, A. *Court traité du paysage*. Bibliothèque des Sciences Humaines. Paris: Éditions Gallimard, 1997.

RUDZEWICZ, L. *Onde o turismo encontra as paisagens de água: significados e práticas na laguna dos Patos, Rio Grande do Sul, Brasil*. Projeto de Qualificação de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016.

SCHWERZ, J. P. *Patrimônio e planejamento: aproximações a partir da paisagem*. Projeto de Qualificação de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016.

_____. *Valores e conflitos na preservação do patrimônio cultural: o olhar técnico e o olhar comum na identificação do patrimônio arquitetônico de Agudo — RS*. Dissertação (Mestrado) — PGAU-Cidade, UFSC, Florianópolis, 2009.

_____. *Apreensão da paisagem como patrimônio a partir do olhar comum: estudo de caso em Agudo-RS*. Anais do I Colóquio Iberoamericano Paisagem cultural, patrimônio e projeto — Desafios e perspectivas: Belo Horizonte-MG, 2010.

_____. Valores e conflitos na identificação do patrimônio arquitetônico de Agudo-RS. In: CASTELLS, A.; NARDI, L. (Orgs.). *Patrimônio cultural e cidade contemporânea*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2013, p. 213-234.

Roberto Verdum, Lucimar de Fátima dos Santos Vieira e Maurício Ragagnin Pimentel

_____. *Patrimônio e planejamento: aproximações a partir da paisagem*. Projeto de Qualificação de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012.

SILVA, L. A. P. *Narrativas das percepções e conectividade de caminhantes nas paisagens dos areais pampeanos: perspectivas ambientais para geração de ambiências*. Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.

SOUZA, M. L. *Os conceitos fundamentais da pesquisa socioespacial*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil LTDA, 2013.

TUAN, Y. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: Difel, 1980.

TURRI, E. *Il paesaggio come teatro*. Veneza: Marsilio, 1998.

TUTTI, E. M.; PORTO, R. L.; BARROS, M. T. (Orgs.). *Drenagem urbana*. Porto Alegre: ABRH/Editora da Universidade, 1995.

VIEIRA, L. F. S. *A valoração da beleza cênica da paisagem no bioma Pampa do Rio Grande do Sul: proposição conceitual e metodológica*. Tese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014.

VERDUM, R.; VIEIRA, L. F. S.; PINTO, B. F.; SILVA, L. A. P. (Orgs.). *Paisagem: leituras, significados e transformações*. 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012.

ZUBE, E. H. *Landscapes: Selected writings of J. B. Jackson*. Massachusetts University of Massachusetts Press, 1970.

Recebido em: 15/06/2016

Aceito em: 19/06/2016

¹ Mais informações: <https://pagusufrgs.wordpress.com>.